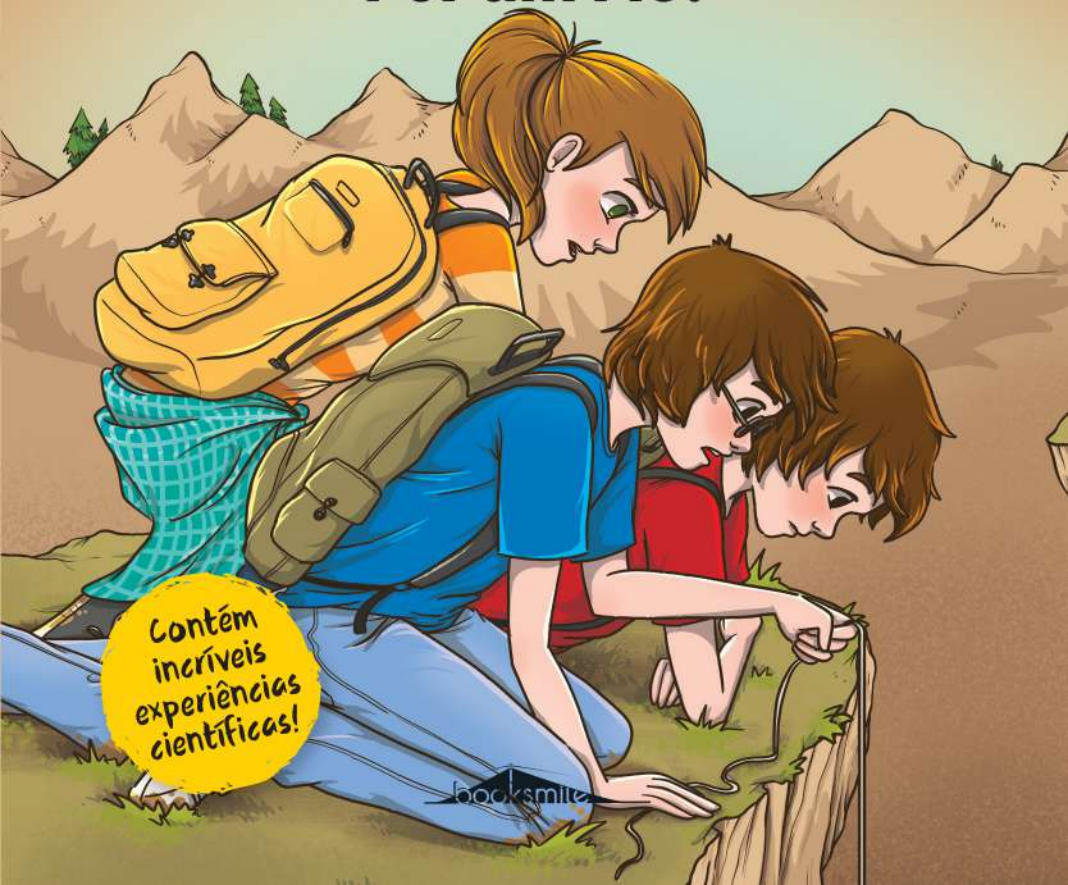


Maria Francisca Macedo

o Clube dos Cientistas

Por um Fio!



Contêm
incríveis
experiências
científicas!

booksmile

ÍNDICE



— <i>Por um Fio</i>	11
· <i>Capítulo 1: Um passeio na montanha</i>	13
· <i>Capítulo 2: A queda</i>	19
· <i>Capítulo 3: Conversas por um fio</i>	24
· <i>Capítulo 4: Pêndulos</i>	28
· <i>Capítulo 5: Nova derrocada</i>	32
· <i>Capítulo 6: Precisamos de um plano B</i>	36
· <i>Capítulo 7: A terrível espera</i>	40
· <i>Capítulo 8: Água por um fio</i>	45
· <i>Capítulo 9: Mesmo por um fio, Rita!</i>	49
· <i>Capítulo 10: Fios para que vos quero!</i>	53
— <i>Caderno de Experiências</i>	59
— <i>Explicação de Símbolos</i>	60
— <i>Sobre a Autora</i>	95

Por um Fio





UM PASSEIO NA MONTANHA

— Ainda bem que optaste pelos sapatos impermeáveis, Cat! — exclamou o Chico, quando viu a irmã pisar uma poça enlameada.

A Catarina virou-se para trás e piscou-lhe o olho.

— Aposto que, se não o tivesse feito, vocês teriam aí nas vossas mochilas alguma solução para pés encharcados! — respondeu ela.

O Chico riu-se e saltou para a poça de lama. O Carlos e o João gritaram, ao serem salpicados, e riram com ele.

Aquele passeio estava planeado há mais de um mês, mas o tempo não tinha facilitado a sua concretização. As chuvas e ventos fortes foram adiando o programa. Finalmente, depois de um sábado chuvoso, o domingo amanhecera soalheiro e os tios apareceram à porta de casa dos sobrinhos, prontos para

os levarem com os primos num dia de caminhada.

O objetivo: seguir os trilhos e subir a montanha íngreme a tempo de um almoço com vista panorâmica!

Nas mochilas dos gémeos, pela primeira vez, não havia material para experiências. Apenas sacos de sandes, latas com biscoitos e cantis com água.

— Não vão resolver nenhum mistério pelos trilhos da floresta, pois não?! — argumentara a mãe, quando os ajudara a preparar as coisas. — Mais vale irem leves, para caminharem confortáveis!

Já estavam a subir a montanha há quase uma hora, por caminhos serpenteantes no meio da floresta inclinada. A Rita e a Catarina continuavam na frente, desbravando o caminho. Com tanta chuva, a vegetação crescera para cima do trilho e pouca gente ali passara.



Atrás delas, os gémeos e o João conversavam animadamente. Os dois irmãos já estavam quase da altura do primo mais velho, mas ele insistia em chamar-lhes minorcas.

— Podem já não ser uns bebés fofos e pequeninos, seus minorcas, mas continuam a ser os meus primos mais novos! — argumentava o João, tentando arrelhá-los.

Os gémeos refilavam em tom de brincadeira, mas sabiam bem que o João usava o termo «minorca» num tom carinhoso. E, embora não lhe dissessem, adoravam ser tratados assim.

— Já te contei a experiência incrível que fizemos ontem na sede do Clube? — perguntou o Carlos, desviando-se de um arbusto de urtigas e acabando por pisar um monte de lama, que salpicou em todas as direcções.

— Parecia hipnotismo aquela dança dos pêndulos!¹
— comentou o Chico, sacudindo a lama do casaco. — Foi mesmo fixe.

Quando o João ia responder, ouviu-se ladrar e uma entusiasmada *Carbono* passou por eles a correr.

— Acho que estes ares da montanha estão a deixá-la doida de alegria! — gritou a tia, que vinha atrás de todos, com o tio.

A *Carbono* continuou a correria alegre e passou pelas raparigas, estacando um pouco mais à frente, quando o trilho fazia uma curva. Ao chegarem junto dela, perceberam o que a fizera parar.

¹ Explora mais sobre pêndulos e sobre as experiências que irão aparecer nesta aventura, procurando-as no Caderno de Experiências!

O trilho, que tinham percorrido até ali pelo meio da floresta, passava agora rente ao limite da montanha, formando uma espécie de plataforma com um caminho. À direita do caminho, o terreno inclinava-se para cima, com árvores e pedras a salpicar a montanha. À esquerda, a montanha descia, íngreme, em direção ao sopé. A vista era magnífica e o vale, lá em baixo, estava sarapintado de floresta verde, de granito cinzento e dos telhados cor de barro das aldeias.

— Que bonito! — exclamou o tio, ao chegar junto dos primos. — Mas vamos agora com cuidado, que ninguém quer escorregar e partir uma perna, certo?

A Rita não parecia muito segura acerca da ideia.

— Acho que ver as aldeias lá ao fundo, tão pequenas, me faz vertigens... — confessou baixinho.

— Não te preocupes, prima — tranquilizou-a a Catarina, segurando-lhe a mão e começando a avançar. — O trilho aqui é largo e a montanha desce inclinada, mas não muito.

— Sim, pois. Não cairíamos em queda livre se escorregássemos, mas ainda dávamos umas belas voltas entre pedras e lama... — respondeu a Rita, respirando fundo e seguindo a prima.

Até a *Carbono* seguiu com cuidado, atrás das raparigas, farejando o ar. O sol batia-lhes na cara, bem forte e, se não fosse o vento a assobiar entre as pedras, pareceria verão. A Rita foi ganhando confiança e seguindo com a Catarina, acompanhadas



por uma cadela estranhamente silenciosa.

Os gémeos e o primo, no encalce das raparigas, continuavam a falar sobre pêndulos, e o João teimava mesmo que já vira um homem hipnotizado a cacarejar.

No fim, como que a «fechar» caminho, iam os tios, apreciando as vistas: a da montanha, porque a

natureza era bela; e a dos filhos e sobrinhos, porque a amizade entre os cinco era boa de se ver.

Só a *Carbono*, com o seu «sexto sentido» apurado, seguia de focinho baixo, nervosa. Algo não estava bem.

O que aconteceu depois foi tão rápido que só se aperceberam quando já era tarde demais.

Perto de uma curva voltada para a esquerda, a *Carbono* saltou, emitindo um ganido, e recuou assustada, começando a ladrar sem parar.

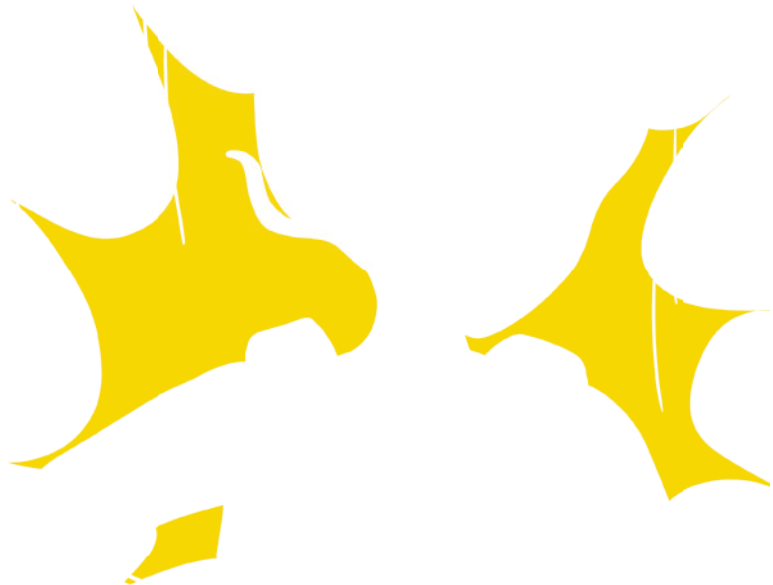
A Catarina deu meia-volta e aproximou-se da cadela, tentando acalmá-la.

— O que se passa, miúda? — perguntou ela, abraçando uma *Carbono* agitada, que ladrava em direção ao trilho e à Rita.

A Rita parou, observando a cena, enquanto esperava pela prima. Depois, deu um passo em frente e contornou a curva,

pisando uma zona particularmente enlameada. E, no momento em que pisou aquele pedaço de terra, o chão desabou.

De um segundo para o outro, deixaram de ver a Rita.





A QUEDA

— RITA! — gritou a Catarina, largando a *Carbono* e correndo em direção ao local onde a prima estivera, e que agora era apenas um buraco no trilho.

— MANA!!! — soluçou o João, correndo na direção da prima.

— Catarina, João! Quietos! QUIETOS! JÁ! — gritou o tio, fazendo com que os dois parassem de imediato, assustados.

O tio aproximou-se devagar. Agarrou a sobrinha por um braço e o João pelo outro, e afastou-os da zona de derrocada. Os gémeos, petrificados, receberam a Catarina nos seus braços. A tia, por seu turno, agarrou o João, abraçando-o de olhos arregalados.

— O terreno abateu — murmurou o tio, branco como a cal e com a voz a tremer. — A terra devia estar molhada demais e o peso da Rita foi excessivo. Vamos respirar fundo. A queda não

pode ter sido grande. Ela deve estar bem. Ela TEM de estar bem.

Engolindo em seco, continuou:



— Ninguém volta a aproximar-se da zona enlameada. Nem a *Carbono*. Prendam-na com a trela a uma árvore. Se fizermos o terreno abater ainda mais, pode ser pior para a Rita.

A Catarina obedeceu imediatamente ao tio e prendeu a *Carbono* a uma árvore. A cadela gania baixinho, assustada.

— E agora, tio? — perguntou ela.

— Agora, muito devagar, vamos espreitar no início da curva, para ver se conseguimos perceber onde está a Rita. Ninguém se aproxima mais do que isso e, sobretudo, evitem as laterais do trilho e a zona enlameada.

O tio avançou na frente, com os braços abertos, impedindo assim que alguém lhe tomasse a dianteira. Ao aproximar-se da curva, gritou e começou a acenar:

— RITA! AQUI!

O terreno tinha abatido e um monte de terra, que antes era parte do trilho, escorregara cerca de uns três metros pela encosta, encaixando-se entre umas pedras e formando uma pequena plataforma. A Rita caíra com o terreno e estava agora em pé, presa nessa pequena porção de terra.

— Ao menos não escorregou encosta abaixo... — gaguejou a tia. As mãos tremiam-lhe ao apontar para a encosta íngreme e a frágil plataforma de terra em que a filha se encontrava. — Mas... não me parece que esteja muito segura ali. Conseguimos tirá-la? — questionou.

O João deve ter pensado o mesmo, porque já avançava pronto para virar a curva. Talvez a ideia dele fosse descer para junto da irmã, ajudando-a a escalar de volta ao trilho. Porém, assim que pisou a curva e se aproximou, abateu-se mais um pedaço de trilho, caindo terra em cima da Rita, que gritou com o susto. O irmão, igualmente assustado, voltou para trás.

— Estás doido, João? — gritou o pai dele, agarrando-o logo. — A situação em que a Rita está já é perigosa o suficiente. Não podemos agir sem pensar! Vou ligar para o 112, eles saberão o que fazer!

O tio pegou no telemóvel com uma mão, enquanto segurava o João com a outra, e ligou para o número de emergência. Imediatamente, os operacionais transferiram a chamada para os bombeiros mais próximos, que ouviram a descrição do local

e do sucedido. Quando desligou, aproximou-se da mulher, visivelmente aliviado.

— Está a caminho uma equipa de salvamento. Terão de estacionar lá em baixo e subir o percurso a pé, mas prometeram vir o mais depressa possível. Não sei quanto tempo demorarão... Já estávamos a caminhar há quase uma hora.

— É melhor alguém dizer isso à Rita... — interrompeu o Carlos, preocupado. — Acho que ela está a entrar em pânico.

Aflita no seu pedaço de terra suspenso, a Rita começara a tentar escalar a encosta para regressar para junto da família. O terreno estava instável e escorregadio, por causa das chuvas e da derrocada. Ainda ela não tinha subido dois palmos e já estava a escorregar, gritando.

— QUIETA! — ordenou o tio.

A Rita ignorou o pai e voltou a tentar escalar. Desta vez, subiu um pouco mais antes da queda. Ao cair, bateu com força na porção de terra e pedra que a segurava, destruindo uma parte. Ao ver a sua plataforma ainda mais reduzida e ao sentir o perigo de poder cair dali a qualquer momento, ela tombou de joelhos, encostou a cara nas mãos e desatou a chorar.

— RITAAAA! — chamaram os primos.

— MANA! — gritou o João.

— FILHA! — bradou a tia.

Mas a Rita não reagia, limitando-se a soluçar, encolhida, naquela pequena e frágil plataforma de terra.

— Tenho a sensação de que ela não nos ouve... — declarou o Carlos, observando atentamente a cena. — O vento está contra nós e lá em baixo, onde ela se encontra, deve assobiar bem forte. Não nos ouve mesmo...

A tia virou-se para ele, com a cara branca de tanta angústia:

— Então como lhe explicamos que a ajuda vem a caminho? Se ela desesperar, se tentar escalar e cair, ainda acontece algo horrível! Precisamos de que fique quieta, à espera.

O Carlos olhou para a tia e engoliu em seco. Para dizer a verdade, não sabia como resolver este problema.



Gostas de ler? Adoras aventuras e fazer experiências? O Clube dos Cientistas é a coleção perfeita para ti!

A Catarina, o Chico e o Carlos são três irmãos curiosos, fascinados pela ciência e sempre em busca de mistérios. Vais divertir-te a ler as suas histórias empolgantes e cheias de ação!

Se fores como eles, não vais resistir a ler o Caderno de Experiências até ao fim e pôr mãos à obra.

Aquele dia estava perfeito para um passeio com os tios e os primos, e os irmãos queriam subir a montanha íngreme a tempo de um bom almoço com vista panorâmica. Desta vez, nas mochilas, só levavam latas com biscoitos, sacos de sandes e cantis com água. Nada de materiais para fazerem experiências, não era dia de aventuras...

Mas quando o inesperado acontece, e a Rita se vê em grande perigo, eles terão de usar os seus conhecimentos, criatividade e sangue-frio para a ajudar. Estarão à altura deste desafio?

Junta-te ao Clube dos Cientistas e vem descobrir este salvamento... POR UM FIO!

**Não percas os outros títulos da coleção!
Vê quais são no interior deste livro!**

 <p>livros que saltam à vista</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-564-708-8</p> <p>7+</p>  <p>9 789895 647088</p> <p>Conhecimento e Atividades</p>
---	---